

Samora Machel, aquele abraço

A visita a Portugal do Presidente da República Popular de Moçambique saldou-se por um enorme êxito. À partida, havia já grande expectativa pela presença de Samora Machel — o último dos chefes históricos da luta contra o colonialismo português — que se deslocava, pela primeira vez, ao nosso país.

Quando o presidente moçambicano aterrou na Portela e se dirigiu a Ramalho Eanes com um informal e bem disposto "Meu amigo, como estás?", Machel dava o tom da visita. A alegria, a firmeza, o espírito aberto e dialogante, a grande capacidade de contacto popular, foi a imagem que Machel transmitiu por onde passou. Daí, a confiança do presidente da RPM ao ex-secretário de Estado da Cooperação, Luís Fontoura, no banquete de despedida na véspera da partida: "Amanhã vou para o estrangeiro!" Uma frase que exprime em si mesma todo o espírito de um homem na sua estada em Portugal.

A visita de seis dias de Samora Machel a Portugal resultou de um convite do Presidente da República, Ramalho Eanes, inserindo-se numa longa viagem de três semanas à Europa do líder da FRELIMO, que abrangeu, ainda, a Bélgica, Holanda, Jugoslávia, França e Grã-Bretanha.

Nesta sua deslocação, os principais assuntos abordados nas conversações foram a procura de ajuda económica — capaz de minorar as graves consequências da seca que afecta as regiões Centro e Sul de Moçambique — e o fortalecimento das relações com os dez países do Mercado Comum. A nível político, o presidente moçambicano procurou sensibilizar os governos europeus sobre os riscos que o seu país enfrenta devido aos ataques sul-africanos — o exemplo mais recente foi o atentado perpetrado no Maputo contra um escritório do A.N.C., no passado dia 17 — e face às incursões de grupos armados apoiados pelo regime de Pretória, exprimindo, igualmente, a preocupação dos Estados da Linha da Frente perante o atraso na obtenção de uma saída para o problema da independência da Namíbia.

Em Portugal, para além de diversos encontros com o seu homólogo português, Machel manteve conversações com o primeiro-ministro, Mário Soares, com o Presidente da Assembleia da República, Tito de Morais, e com os líderes dos principais partidos políticos.

Nas suas deslocações aos mosteiros da Batalha e Jerónimos, Universidade de Coimbra e à cidade do Porto, foi calorosamente recebido por muitos populares que o aclamaram. Nessas ocasiões, Machel soube fugir aos rigores do protocolo e deu a imagem do grande estadista africano que é, mantendo breves trocas de impressões — muitas das quais foram bem o espelho dos laços seculares que unem os dois povos —, sempre no meio de inúmeros abraços.

Nos dois encontros que manteve com empresários o presidente moçambicano manifestou o desejo de ver alargada a cooperação "a todos os domínios", acrescentando que "em vários sectores é possível a complementaridade das nossas economias". A mesma ideia seria defendida por Mário Soares, que, no almoço oferecido ao Presidente da RPM destacou o empenho do Governo no apoio aos empresários portugueses "na criação de empresas mistas luso-moçambicanas" e no desenvolvimento da cooperação tripartida.

Para os Portugueses, dois actos de Samora Machel assumiram um significado muito especial: o primeiro, foi a deposição de uma coroa de flores em memória dos soldados mortos em África, na visita efectuada à base de pára-quedistas de Tancos; o segundo, a condecoração de Ramalho Eanes com a Ordem Amizade e Paz, 1.º Grau, nunca antes atribuída.

O presidente da R.P.M. passaria também por um momento de grande emoção quando ouviu da boca do ministro da Cultura, Coimbra Martins, que os restos mortais do imperador Gungunhana, primeiro resistente moçambicano à ocupação colonialista, repousariam, em breve, na sua terra natal.

Mas, para além destes momentos comovedores, quais os resultados concretos da visita? O principal aspecto terá sido a assinatura de um tratado de amizade e cooperação, válido por dez anos, no qual as duas partes se comprometem a intensificar a cooperação económica através do seu reforço e alargamento nos domínios industrial, comercial, agrícola, de pescas, técnico, científico e tecnológico.

Foi igualmente decidido atribuir a maior importância às acções de cooperação no plano do investimento a nível empresarial, nomeadamente através da criação de empresas mistas, de novos projectos de investimento directo, reprodutivos, que permitam uma maior capacidade de exportação à economia moçambicana e que fomentem "um impulso adicional às trocas de bens e serviços entre os dois países."

No sector industrial foi assinado um protocolo com vista à construção e funcionamento de um centro de formação profissional integrado no projecto do ferro e do aço da R.P.M. A nível financeiro, as duas partes admitiram que Portugal seja indemnizado pelos encargos que tem vindo a assumir na Hidroeléctrica de Cabora Bassa e foram dados alguns passos para que, a breve prazo, seja desbloqueado o crédito português que tem estado imobilizado (casos da Marconi e da TAP).

O único senão em matéria financeira resultou de uma atitude negativa do Governo português que decidiu manter o limite do crédito e não permitir a abertura de uma nova linha no valor de 10 milhões de contos (85 milhões de dólares), ao contrário do que chegou a ser anunciado. Esta negativa, muito mal recebida por alguns membros do governo moçam-

bicano, não chegaria no entanto a ofuscar o êxito da visita graças a uma rápida intervenção de Samora Machel, prevendo-se agora que o acordo sobre o montante da linha de crédito seja renegociado no próximo ano.

"A crise económica internacional", disse Machel, "não poderá constituir a sombra, o obstáculo que impede a nossa cooperação. Pelo contrário, ela deve servir de elemento catalisador para acções complementares, bilaterais e multilaterais. Combinar os recursos de cada um dos nossos países constitui elemento essencial no contexto da cooperação bilateral que permite, com benefício mútuo, ultrapassar a crise que as nossas economias enfrentam".

Avançar nas acções conjuntas

Depois de uma fase inicial de incompreensões mútuas, as visitas de Ramalho Eanes e do ex-primeiro-ministro Pinto Balsemão à RPM permitiram arquivar o contencioso existente e abrir uma nova etapa nas relações entre os dois países com resultados muito frutuozos.

Ainda há poucas semanas, a troca de embaixadores verificada — Paulouro das Neves foi nomeado para o Maputo, enquanto João Baptista Cosme era designado embaixador moçambicano em Lisboa — veio atestar o interesse que ambos os Estados atribuem às relações bilaterais. Daí que o Presidente da República Portuguesa tenha afirmado, em declarações à agência noticiosa moçambicana (AIM), antes da visita de Samora Machel, que esta "deverá também constituir um passo importante na passagem para uma fase mais evoluída da nossa cooperação, na medida em que chegou o tempo da definição efectiva das acções conjuntas a desenvolver."

Com vista a superar o seu atraso económico, Moçambique tem vindo a procurar no exterior o auxílio financeiro e o "know how" indispensáveis aos projectos de desenvolvimento. Nos últimos meses tem-se verificado um maior interesse do Ocidente em matéria de cooperação, ao mesmo tempo que da parte moçambicana se denota interesse na normalização das relações diplomáticas com os Estados Unidos. Neste contexto, Portugal pode desempenhar um papel fundamental quer na canalização da ajuda financeira e tecnológica europeia, quer na formação profissional dos quadros e técnicos. Isto mesmo era referido por "Portugal Presscope" em Agosto de 1982, num artigo que abordava as relações Portugal-Moçambique: "Conhecedor da mentalidade e dos problemas africanos, falando a mesma língua e com afinidades culturais provenientes de quinhentos anos de presença no continente, abrem-se ao nosso país perspectivas de cooperação com as ex-colónias".

Quando da deslocação a Portugal, em Julho passado, do governador do Banco de Moçambique, Prakash Ratilal, à frente da delegação que participou na comissão mista de

cooperação luso-moçambicana, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, aludiu às vantagens da cooperação tripartida. **As actuais condições económicas e financeiras dos nossos dois países [...] não permitem desenvolver plenamente todas as potencialidades que a nossa cooperação oferece** — disse o ministro. **“Por que não procurar terceiros parceiros que, em bases justas e que a todos satisfaçam, conosco se abalancem a vários desses empreendimentos?”**

Assim, no domínio económico, entre as últimas acções de cooperação sobressai o projecto de renovação da linha de caminhos-de-ferro Nacala-Entre-Lagos, através de um contrato de financiamento de cerca de quatro milhões e setecentos mil contos (40 milhões de dólares). Este projecto — que cobrirá a renovação de 538 kms de vias principais e 132 aparelhos de via —, no qual participam também um consórcio bancário francês e a Canadian International Development Agency, é liderado pela empresa portuguesa SOMAFEL e orçará em mais de 200 milhões de dólares.

Foi igualmente assinado aquando da reunião da comissão mista luso-moçambicana um contrato de empréstimo de um milhão de contos, para cobertura de acções de cooperação, nomeadamente, o envio de professores cooperantes e a frequência de universidades portuguesas por estudantes moçambicanos, o apoio à conservação e restauro de monumentos históricos e estudo relativo ao “Perfil Oftalmológico de Moçambique”. Assinale-se ainda, na área financeira e empresarial, a abertura pela parte moçambicana, à constituição de empresas mistas nos domínios das indústrias extractivas, tabaco, algodão, sisal, pecuária e fruticultura.

Um outro sector em que poderá vir a ser reforçada a cooperação, é o da cooperação militar, quer em matéria de fornecimento de certo tipo de armamento quer na formação e especialização de oficiais moçambicanos.

Ultrapassar a dependência externa

Embora Moçambique atravessasse uma situação económica difícil — agravada ainda mais pela seca que afecta cerca de quatro milhões de pessoas, e pela sabotagem económica e intervenções militares perpetradas directamente pela África do Sul ou através da Resistência Nacional Moçambicana (“bandidos armados” segundo a terminologia oficial) —, os avanços conseguidos nestes oito anos de independência foram notáveis. Destes, será justo destacar os projectos realizados ou em curso no domínio da construção, dos transportes, da electrificação do país e das obras hidráulicas.

Entre 1977 e 1981, a produção global registou um acréscimo de 11,6% e é, hoje, objecto de planificação em cerca de 80%. O sector estatal da indústria representa 65% do total da produção.

Estes êxitos têm ainda maior significado quando é conhecido que, para além dos ataques às aldeias comunais e a populações indefesas pela banda do RNM, o alvo primordial das acções de sabotagem dos “bandos armados” e dos militares sul-africanos têm sido os projectos económicos regionais desenvolvidos no campo de cooperação do SADCC, exactamente aqueles visam libertar os países da África Austral da tutela económica de Pretória.

Apesar deste crescimento, os dirigentes moçambicanos não omitem o muito que há por fazer e, inclusive, os escassos resultados alcançados em alguns sectores. Em Abril passado, durante o 4.º Congresso da FRELIMO, foram feitas duras críticas a membros do Partido e do Governo, à centralização excessiva e à burocracia, responsáveis, em parte, por graves problemas no que respeita ao abastecimento das populações, por exemplo. Num debate vivo e participado os congressistas abordaram a questão do insuficiente crescimento da produção agrícola e alimentar (cárências, sobretudo, na produção de cereais, hortícolas e oleaginosas) — inferior ao crescimento populacional — com consequências nefastas nos circuitos de comercialização (“candonga”) e no agravamento da balança comercial.

Dois outros sectores em que se verificaram progressos sensíveis foram os da educação e saúde. Para além da criação do Sistema Nacional de Educação, foram feitos esforços especiais na abertura de novas escolas em todas as regiões — saliente-se a preocupação dos responsáveis moçambicanos com o ensino

técnico e profissional —, tendo o número de alunos nas escolas primárias aumentado de 672 000 (1975) para 1 330 000 (1982).

No campo da saúde, o destaque vai para o combate à mortalidade infantil e para as campanhas de vacinação, bem como para o aumento de pessoal médico e de enfermagem e para a abertura de novos centros hospitalares.

Apesar da recessão mundial, da quebra nos preços das matérias-primas exportadas, da sabotagem económica e das agressões militares, Moçambique está a crescer.

Pelas razões já referidas, Portugal tem um importante contributo a dar para esse desenvolvimento. A intensificação da cooperação com os países africanos, e em particular com Moçambique, é uma das principais vias para a recuperação económica do país.

O abraço que o presidente Samora Machel veio dar aos Portugueses para além de cimentar as relações históricas entre os dois povos, constitui uma ocasião única para o estreitamento de relações e para o avanço da cooperação entre os dois Estados. Importa pois que a não desperdicemos.

J. M. Lopes

SALDO POSITIVO NA BALANÇA COMERCIAL PORTUGAL-MOÇAMBIQUE

Portugal apresenta um saldo positivo de 2 961,96 milhares de contos no comércio com a RPM, nos sete primeiros meses deste ano, segundo dados fornecidos pelo INE. Neste período, a exportação portuguesa atingiu o valor de 3 528,941 milhares de contos, enquanto as importações custaram apenas 566,981 milhares de contos. A balança comercial de Moçambique, tradicionalmente deficitária, viu-se assim substancialmente agravada: a taxa de cobertura é nestes sete primeiros meses de apenas 16% (50% em 1981 e 20,8% em

1982, de acordo com valores provisórios).

As exportações portuguesas foram sobretudo constituídas por têxteis (909 mil contos); conservas de peixe e carne (492 mil contos); máquinas, aparelhos e material eléctrico (504 mil contos); veículos e material para vias férreas; ferramentas e produtos farmacêuticos.

Moçambique, por sua vez, exporta para Portugal principalmente algodão em rama (464 mil contos); camarão (46 873 contos) e sisal (31 543 contos).

Balança Comercial de Portugal com Moçambique (em contos)

Anos	Importação	Exportação	Saldo
1977	844.476	1.377.490	+ 533.014
1978	893.300	1.527.000	+ 633.700
1979	2.029.206	1.128.784	— 900.422
1980	1.100.691	1.860.227	+ 759.536
1981	1.132.402	2.066.244	+ 933.842
1982*	1.122.514	5.389.050	+ 4.266.536
Total	7.122.589	13.348.795	+ 6.226.206

Fonte (Source): INE — Estatísticas do Comércio Externo

* 1982 — Dados provisórios (Provisional data)

MOÇAMBIQUE — Principais Exportações e Importações (Unidade: 10⁶ MT)

Produtos exportados	1980	1981	Importações	1980	1981
Chá	1.138	1.212	Equipamento	4.694	4.978
Amêndoa de caju e seus derivados	2.161	2.100	Matérias-primas e subsidiárias	10.596	11.736
Açúcar e melações	1.628	1.583	Peças e sobressalentes	1.928	3.776
Algodão — fibra	728	981	Bens de consumo	5.982	5.293
Crustáceos	1.111	2.027			
Exportação Total	11.817	13.115	Importação total	23.200	25.783

Fonte (Source): ICEP * 40 MT = 1 US\$